



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A *heterologia* em Georges Bataille: da despesa ao gozo

Alessandra Thomaz Rocha

Orcid: 0000-0002-2037-0397

Doutora em psicanálise pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (Brasil)

Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)

E-mail: aless.thz@hotmail.com

Jésus Santiago

Orcid: 0000-0003-2591-4805

Doutorat en Psychanalyse et Champ freudien – Université de Paris-8 (Paris, França)

Professor de Psicanálise e Psicopatologia (aposentado) da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (Brasil)

Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)

E-mail: jesussan.bhe@terra.com.br

Resumo: O texto parte da noção batailleana de despesa buscando explicitar a dimensão fundamental que esta representa em seu sistema de pensamento e como está intimamente relacionada à dimensão do gozo, tal como Lacan a desenvolve. Aponta como Bataille mostra-se pioneiro ao construir uma teoria dos dejetos que está intimamente relacionada com esta noção de despesa e consequentemente com a noção de gozo, que ele chamará de sua *heterologia*, ou “ciência do heterogêneo”. Busca-se mostrar como o autor, ao apresentar-se como o mais importante crítico do movimento surrealista, soube se posicionar de forma ousada e corajosa ao desenvolver uma teoria subversiva, que fazia dos excrementos um *valor de uso*. Além disso, como constrói um sistema de pensamento baseado na ideia de abjeção, como uma política de salvação pelos dejetos.

Palavras-chave: *Heterologia*, despesa, erotismo, gozo, abjeto

The *heterology* of Georges Bataille: from expenditure to *jouissance*: The text starts from Bataille’s notion of expenditure, seeking to expose the fundamental dimension that it represents in its system of thought and how it is closely related to the dimension of *jouissance*, as Lacan develops it. It points out how Bataille is a pioneer in constructing a theory of waste that is intimately related to this notion of expenditure and consequently to the notion of *jouissance*, which he will call his *heterology*, or “heterogeneous science”. It seeks to show how the author, when presenting himself as the most important critic of the Surrealist movement, knew how to take a bold and courageous position when developing a subversive theory, which gave the droppings a use value. This work also seeks to demonstrate how he builds a system of thought based on the idea of abjection, as a policy of salvation through waste.

Key words: *Heterology*, expenditure, erotism, *jouissance*, abject

L’*heterologie* de Geroges Bataille: de la dépense à la *jouissance* : Le texte part de la notion bataillienne de la dépense, cherchant à rendre explicite la dimension fondamentale qu’elle représente dans son système de pensée et comment elle est intimement liée à la dimension de la *jouissance* telle que Lacan la développe. Il montre comment Bataille se montre pionnier dans la construction d’une théorie des déchets étroitement liée à cette notion de dépense et par conséquent à la notion de *jouissance*, qu’il appellera son *hétérologie*, ou «science de l’hétérogène». Il cherche à montrer comment l’auteur, en se présentant comme le critique le plus important du mouvement surréaliste, a su prendre une position audacieuse et courageuse lors du développement d’une théorie subversive, qui faisait des excréments une valeur d’usage. De plus, nous verrons comment il construit un système de pensée basé sur l’idée d’abjection, comme politique de salut par les déchets.

Mots clef: *Heterologie*, dépense, érotisme, *jouissance*, abject

A heterologia em Georges Bataille: da despesa ao gozo¹

Alessandra Thomaz Rocha & Jésus Santiago

A **noção de despesa** é uma noção chave no sistema de pensamento de Georges Bataille e, a nosso ver, ela desempenha um papel capital na elaboração da concepção de gozo que Jacques Lacan desenvolve ao longo de seu ensino. Bataille faz desta noção a base do que ele vai chamar de sua *heterologia*, ou teoria sobre os dejetos. Em primeiro lugar, cabe destacar o valor deste importante e ousado artigo e as razões que o levaram a formular o termo de “despesa” como termo chave para a compreensão de sua teoria heterológica, alicerce de seu sistema de pensamento. No referido artigo Bataille subverte a lógica da economia clássica, isto é, se contrapõe a toda tradição marxista, cuja função de produção e acumulação é fundamental. Parte da lógica marxista, porém, vai além dela, de forma a se opor à economia dos bens considerados úteis. Nesse sentido, se Bataille é anticapitalista, ele o é de uma forma singular, já que não dispensa a importância do gasto, cujo valor de uso é tomado de forma oposta ao sentido capitalista comum. Nele os restos são destacados na medida em que possuem um valor erótico.

Importa destacar que o termo gozo, tanto em sua forma verbal como substantiva, apesar de surgir eventualmente não é utilizado com frequência ao longo da obra de Bataille. Supõe-se que há razões de fundo que explicam tal posicionamento epistêmico. Em primeiro lugar, porque desprezava a dimensão do coito em si mesmo, do gozo fálico masculino, como gozo do órgão. Ou seja, falar da experiência do gozo sem tomá-lo como conceito pode ser tendencioso, já que é comumente associado ao gozo genital ou ao ato sexual normal. Com efeito, o gozo que o interessa desde o início é o gozo desviado de sua finalidade, o gozo transgressor e, portanto, fora de sentido ou sem finalidade. É, antes de tudo, o gozo que surge da boca das mulheres que interessa a Bataille. Assim vemos com frequência termos como erotismo, êxtase, arrebatamento, abandono, inundamento, desnudamento, apagamento, perdição. Termos que são sempre acompanhados pelos sentimentos de angústia, medo, pavor, horror, desespero, repugnância, perturbação, ligados ao (a)bjeto. Para ele o gozo adquire a dimensão de uma mística singular, uma mística sem Deus e sem nenhum ideal ascético. Interessa-se pelo erotismo ou pelo gozo enquanto experiência extática, ligado ao impossível de dizer, tal como ele testemunha em sua *Experiência interior* (2016), que é uma tentativa de comunicar em palavras, através do escrito, do informe, do documento, o que dessa experiência insiste em se perder.

O sofrimento que se confessa do desintoxicado é o objeto deste livro. [...]Tal experiência não é inefável, mas a comunico a quem a ignora: sua tradição é difícil (a escrita não é mais que a introdução à oral); exige de outrem angústia e desejo prévios.

O que caracteriza tal experiência, que não procede de uma revelação, em que nada tampouco se revela, senão o desconhecido, é que ela nunca traz nada de apaziguador. (Bataille, 2016, pp.28-29)

Acreditamos que Bataille ao utilizar o termo **erotismo** busca evidenciar que a satisfação sexual vai mais além da dimensão genital e mais além do princípio do prazer – já que era um leitor assíduo de Freud. Logo, pode-se indagar se Bataille, de alguma maneira, antecipa o interesse de Lacan por uma elaboração do gozo e de seus modos variados de manifestação. A partir da obra freudiana das pulsões e, sobretudo, do mais-além do princípio do prazer, Lacan constrói o que ele próprio designa como o “campo lacaniano do gozo” (Lacan, 1992, p.77) que como se sabe assume um lugar axial em seu ensino. Os trabalhos de Bataille sobre o erotismo, a despesa, o êxtase místico e a **heterologia** assumem, por sua vez, o valor de uma contribuição que será o fator de uma interlocução cuja repercussão na trajetória do psicanalista é incontestável e evidente. Ainda que se considere que essa interferência tenha sido velada, discreta e, principalmente enigmática, é inegável o caráter profícuo e decisivo da contribuição de Bataille para o destino da questão do gozo no ensino de Lacan.

Ciência do heterogêneo

A **noção de despesa**² é publicado pela primeira vez em janeiro de 1933, na revista *La Critique Sociale*³, e a partir daí torna-se mais claro o motivo da interdição proferida secularmente contra a despesa. Bataille desenvolve, a partir da noção de “despesa improdutiva”, uma política social e econômica, baseada nos fatos materiais. Considerando a dimensão dos restos como produtos da atividade humana que possuem um valor erótico, mas que tende a ser desprezado. Assim, ele busca resgatar os restos inúteis de forma a revelar seu valor e sua importância. Desenvolve, posteriormente, o que denominou sua **heterologia**, ou “ciência do heterogêneo”, que é uma teoria sobre os restos e dejetos, sobre o abjeto, ou sobre as coisas inúteis.

Bataille inicia seu artigo questionando a insuficiência do princípio da utilidade clássica, daquela utilidade que se pretende material, pois considera que a noção de utilidade, no contexto da vida social, não pode ser definida de forma correta, considerando as concepções mais ou menos divergentes vigentes na época, já que não é possível definir “o que é útil aos homens” (Bataille, 2013, p.19). Ele critica a hipocrisia dos princípios apresentados para justificar o que se situa além da utilidade e do prazer. Ou seja, como a honra e o dever são evocados normalmente para justificar a submissão dos homens aos interesses financeiros e religiosos. O autor ressalta que “o **Espírito** serve para mascarar a desordem intelectual das poucas pessoas que se recusam a aceitar um sistema fechado.” (Bataille, 2013, p.19). E aqui ele se refere à religião como sistema fechado de crenças e dogmas. Para ele, a utilidade clássica tem como finalidade o prazer apenas teoricamente, pois quando se trata de obter um prazer violento, este é concebido como patológico ou doentio. Assim, a utilidade

clássica se limita à aquisição, reduzida à produção e à conservação dos bens, por um lado; e à reprodução e conservação da vida, além do alívio da dor, por outro. Porém, só o fato de buscar apenas um alívio da dor já evidenciaria (o que se constitui como uma qualificação original) o **caráter negativo** do princípio do prazer que, teoricamente, estaria em sua base. Logo, exprime-se uma concepção crítica da vida, na medida que esta se vê reduzida a uma condição da atividade social produtiva. Nota-se como o autor possui uma leitura aguda do texto freudiano, tomando Freud como interlocutor e levando sua teoria das pulsões às últimas consequências.

Para Bataille, a humanidade, como um todo, reduz seu nível de consciência ao reconhecer para si normalmente apenas o direito de adquirir, conservar ou consumir racionalmente, mas excluindo o direito de gastar inútil ou improdutivamente. Desta forma, as relações são instituídas de modo servil e alienadas, desconsiderando as inconseqüências humanas. Por conseguinte, o conhecimento fica limitado a condições indigentes e de miséria diante da veiculação de imagens enganosas, o que é popularmente chamado hoje de propaganda enganosa. Ele acredita que a humanidade não pode ser reduzida a processos de produção e conservação. Por sua vez, o consumo deve ser dividido em duas partes distintas: a **primeira** – representada pela conservação da vida e da atividade produtiva, que é condição fundamental daquela – que, por sua vez, deve ser reduzida ao mínimo necessário. A **segunda** parte deve ser reservada aos “gastos improdutivos”: “o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa”. (Bataille, 2013, p. 21) Numa antecipação do antidesenvolvimentismo, ele considera a ‘atividade sexual perversa’ aquela desviada das finalidades genital ou reprodutiva, ou seja, que têm seu fim em si mesmas e nas quais a perda é o valor que lhes dá seu sentido. (...) Portanto, Bataille afirma que a perda deve ser a maior possível. Porque esse tipo de consumo, que envolve a perda, tem uma importante função social.

Potlach como propriedade positiva da perda

Segundo o autor, as funções econômicas de produção e aquisição se opõem aos “gastos improdutivos”, que são, antes de tudo, meios subordinados à despesa ou gasto. Cabe, inclusive, acrescentar que o poder exercido pelas classes que mais gastam excluem os miseráveis de toda atividade social, já que os miseráveis não produzem. Conseqüentemente, os miseráveis só entram no círculo do poder através da destruição revolucionária das classes que ocupam o poder, dando-lhes trabalho. Essa é a ideia subversiva de Bataille, fazer um uso dos excluídos ou dos heterogêneos como aqueles atores que possuiriam um poder de subverter a lógica econômica vigente. Já que estes só entrariam no circuito do poder através de um dispêndio violento e de modo algum limitado. Dessa forma, Bataille demonstra que a produção e a aquisição têm apenas um caráter secundário em relação ao dispêndio.

Isso aparece de forma mais clara nas instituições primitivas, pois nelas “a troca ainda é tratada como uma perda suntuária dos objetos cedidos: apresenta-se, basicamente, como um

processo de dispêndio sobre o qual se desenvolveu um processo de aquisição.” (Bataille, 2013, p. 24). Logo, a economia clássica, que imaginava que a troca primitiva se produzia sob a forma de escambo, reduzida a um processo de aquisição, não considerou que ela visava, ao contrário, à necessidade de perda e destruição. Portanto, o escambo não se reduz a um antepassado do comércio, como pensa a maioria dos economistas, mas apresenta-se como meio de dispêndio e destruição, tal como identificou Marcel Mauss (1925/2003) nas instituições primitivas que o desenvolviam com o nome de *Potlatch*. Nelas, a dádiva de riquezas e a destruição espetacular de riquezas são formas de submeter, humilhar, desafiar, espantar ou obrigar um rival. Pois no *Potlatch* só se pode apagar a humilhação ou rebater o desafio que foi contratado por ele a partir de sua aceitação, respondendo a ele com uma dádiva maior, isto é, deve-se retribuir ou revidar com usura. (Bataille, 2013a). A usura, que se apresenta nessas operações sob a forma de excedente obrigatório, pode ter levado a dizer que o empréstimo a juros deveria ter substituído o escambo na história da origem das trocas. Contudo, deve-se considerar que as riquezas das civilizações vistas sob o ponto de vista do *Potlatch* se mostram multiplicadas, o que “lembra a inflação de crédito da civilização bancária”. (Bataille, 2013a). Constituiu-se, assim, uma “propriedade positiva da perda – da qual decorrem a nobreza, a honra, a posição na hierarquia – que dá a essa instituição seu valor significativo.” (Bataille, 2013a, p. 25).

A dádiva deve ser considerada, portanto, como uma perda na qual há uma destruição parcial, pois o desejo de destruir é deslocado em parte para o donatário ou rival. Bataille lembra que nas formas inconscientes descritas pela psicanálise, a dádiva simboliza a excreção, que, por sua vez, está ligada à morte, de acordo com a conexão fundamental do erotismo anal e do sadismo. Ou seja, a dádiva tem relações com o sadismo, o erotismo anal e a agressividade. Em algumas civilizações, os presentes são tomados como restos e possuem um simbolismo excrementício tal como o dinheiro. O *Potlatch* revela também que o **poder de perder** está vinculado à honra e à glória. Porém, a fortuna, como acumulação de riquezas, que pode existir em estado endêmico em um grupo social, mantém seu possuidor à mercê de uma necessidade de perda desmesurada. Logo, “a produção e o consumo não suntuários que condicionaram as riquezas aparecem assim enquanto utilidade relativa.” (Bataille, 2013a, p. 26).

Bataille faz um desenvolvimento histórico das relações sociais humanas ao longo do artigo e observa que, no dispêndio funcional das classes ricas, a troca tornou-se subordinada a uma finalidade humana e adquiriu um sentido aquisitivo, além disso, que diante do progresso dos modos de produção, o próprio princípio da produção exigiu que os produtos acumulados fossem subtraídos às perdas ou dispêndios improdutivos. Em nome de uma segurança e estabilidade, ocorre a evolução da riqueza, cujos sintomas adquirem a forma de doença e esgotamento, privilegiando uma hipocrisia mesquinha, onde tudo o que era generoso, orgástico e desmedido desaparece. Ressalta que os burgueses começam a adotar uma atitude retraída de ostentação da riqueza convencionalmente entre quatro paredes, de forma deprimente e entediante, através de dispêndios ostentatórios para si, individualmente.

Os dispêndios restritos corresponderam às concepções racionalistas que se desenvolveram a partir do século XVII, adquirindo o sentido de uma representação do mundo estritamente econômica, no sentido burguês da palavra. O ódio ao dispêndio é a razão de ser e a justificativa da burguesia, tornando-se o princípio de sua hipocrisia. (Bataille, 2013a). Os burgueses fizeram uso das frugalidades da sociedade feudal e apropriaram-se do poder, julgando-se em condições de praticar uma dominação aceitável pelas classes pobres, a partir de seus hábitos de dissimulação. Contudo, apesar de o povo ser incapaz de odiá-los, tanto quanto a seus antigos senhores, também não são capazes de amá-los, pois os burgueses não conseguem dissimular uma face pequena, sórdida, voraz e ignóbil, que qualquer vida humana diante deles parece degradada. Assim, contra eles, a consciência popular fica reduzida ao princípio do dispêndio, e a vida burguesa torna-se a vergonha do homem e sua sinistra anulação. (Bataille, 2013a).

Tendência à homogeneização da humanidade

Bataille sustenta que a sociedade burguesa, procurando a esterilidade do dispêndio a partir de uma contabilidade racional, desenvolve apenas uma **mesquinha universal**. Os dispêndios improdutivos se atrofiaram e o tumulto suntuário vivo se perdeu no desencadeamento silencioso da luta de classes. O homem rico consome a perda do homem pobre, tornando-o miserável, numa situação de desgraça e abjeção que abre caminho para a escravidão. O mundo suntuário antigo transmitiu sua herança ao mundo moderno, que recebeu a categoria do proletariado como parte dessa herança. A sociedade burguesa, que pretende se governar de acordo com princípios racionais, tende a homogeneizar a humanidade. Preocupa-se em mostrar que não participa em nada da abjeção dos homens que ela emprega enquanto patrões. Os esforços burgueses de melhoria da vida dos operários são a expressão da fraqueza dessas classes superiores, que não têm a força de reconhecer suas destruições, ou seja, socorrem os proletários para manterem seu prazer de domínio, já que se os perderem, seus prazeres são perdidos e se tornam apáticos. Logo, nesse momento, a luta de classe se torna a forma mais grandiosa da despesa social, quando é retomada e desenvolvida pelos operários, de forma a ameaçarem a própria existência dos patrões.

Considerando as relações entre o cristianismo e a revolução, Bataille lembra que o cristianismo promoveu uma alternância entre a exaltação e a angústia, os suplícios e as orgias, na qual se constituiu a vida religiosa, levada a se confundir com uma estrutura social doente, dilacerando-se de forma cruel. Ao exaltarem Deus, os cristãos triunfam no jogo sangrento da guerra social. Ao exaltarem os miseráveis através de seus mitos, os cristãos associam a ignomínia social e a desgraça do supliciado ao esplendor divino. Dessa forma, o culto assume a função total da oposição de forças de sentidos contrários, até então estabelecida entre ricos e pobres, no culto: uns consagram os outros à perda.

Associando-se ao desespero terrestre, o culto se torna apenas um fenômeno que vem se juntar a esse ódio desmedido que os homens experimentam, que os divide, e que tende a substituir o

conjunto dos processos de divergência que ele sintetiza. De acordo com a fala emprestada ao Cristo – de que viria para dividir e não para reinar –, a religião não vai fazer desaparecer a ferida humana de forma direta – já que seu movimento permaneceu livre. Ela se compraz, ao contrário, numa imundície indispensável a seus tormentos extáticos. (Bataille, 1976a). O sentido do cristianismo se revela através das consequências delirantes da despesa de classes, numa orgia mental agonizante, praticada às custas da luta real. (Bataille, 1976a). A humilhação cristã, que adquiriu grande importância na atividade humana, é apenas uma parte do que se constituiu como sendo a luta histórica dos ignóbeis contra os nobres, dos impuros contra os puros. (Bataille, 1976a). A sociedade, parecendo consciente de sua aflição insuportável, tornou-se embriagada a fim de gozar dessa aflição sadicamente, porém não anulando as consequências da miséria humana, o que provocou a oposição da classe explorada contra as classes superiores de forma mais lúcida. O ódio tornou-se patente e sem limites, e a luta de classes tornou-se “a perda daqueles que trabalham para perder a ‘natureza humana’.” (Bataille, 1976a, p. 318; 2013a, p. 31).

Assim, considerando tanto sob a forma revolucionária, quanto sob a servil, as convulsões gerais se desenvolveram, ao longo de dezoito séculos, constituídas pelos êxtases religiosos dos cristãos (e na época de Bataille, pelo movimento operário). A partir disso, o autor considera que foram esses impulsos que coagiram a sociedade a utilizar a exclusão de classes uma pelas outras, de forma a realizar um dispêndio de classes tão trágico quanto livre, e ainda introduzir formas sagradas tão humanas que as formas humanas tradicionais se tornaram completamente desprezíveis. (Bataille, 2013a, p. 32).

Bataille ressalta, quanto à insubordinação dos fatos materiais que a vida humana, distinta da existência jurídica, não pode, de forma alguma, ficar limitada a sistemas fechados que lhe são fixados nas concepções racionais. E aqui ele introduz a dimensão do gozo, da inutilidade, do sem sentido, da pulsão de morte no pensamento econômico; isto é, ele introduz a economia libidinal, o inútil, no mundo dos úteis. O imenso trabalho de renúncia, evacuação e tumulto que constitui a vida humana, só começa com o déficit desses sistemas racionais. Pelo menos, o que ela admite de ordem e de reserva só tem sentido a partir do momento em que essas forças ordenadas e reservadas se liberam e se perdem para fins que não podem estar submetidos a nada de que se possa prestar contas. (Bataille, 1976a). Ou seja, “é somente por meio de tal insubordinação, mesmo miserável, que a espécie humana deixa de estar isolada no esplendor sem as condições das coisas materiais”. (Bataille, 1976a, p. 319)⁴ Portanto, da maneira mais universal, os homens se encontram engajados em processos de despesa, seja em grupo ou isoladamente. A variedade das formas de despesa não muda as características desses processos, cujo princípio é a perda.

Bataille considera que os estados de excitação, que em sua forma atenuada são semelhantes a estados tóxicos, podem ser definidos como impulsos ilógicos e irresistíveis à evacuação dos bens materiais ou morais, que teria sido possível utilizar racionalmente (ou seja, de acordo com o princípio da balança de pagamentos). Assim, a criação de valores improdutivos se liga a essas perdas

realizadas – tanto no caso da “menina perdida” quanto no caso da despesa militar. Ele destaca que dentre esses valores improdutivos o mais absurdo e que causa maior avidez é a **glória**. (Bataille, 1976a). Completada pela decadência, ora sinistra, ora ruidosa, a prática cega da perda pessoal ou social não deixou de dominar a vida social, e continua sendo impossível sem ela.

Erotismo e a dimensão abjeta da morte

Por fim, é assim que o imenso lixo das atividades move as intenções humanas, inclusive aquelas associadas às operações econômicas, no jogo qualificativo da matéria universal. A matéria só pode ser definida pela “**diferença não lógica** que representa, em relação à **economia** do universo, aquilo que o **crime** representa em relação à lei.” (Bataille, 1976a, p. 319; 2013a, p. 33. Grifos do autor.)⁵ A glória que resume ou simboliza o objeto da despesa livre, sem, contudo, esgotá-lo, já que não pode excluir o crime, não pode ser distinta da qualificação. Considera-se, porém, que a única qualificação comparável à da matéria é a qualificação insubordinada, ou seja, que não é a condição de mais nada. Mas se for observado qualquer interesse coincidindo com a glória, ou com a degradação, que a coletividade humana associa à mudança qualificativa realizada constantemente pelo movimento da história – considerando que esse movimento é impossível de ser contido ou dirigido a um objetivo limitado –, é possível atribuir à utilidade um valor relativo. (Bataille, 1976a). Assim, conclui-se que os homens buscam sua subsistência ou evitam seu sofrimento para aceder à função insubordinada da despesa livre. (Bataille, 1976a)

Portanto, o artigo *A noção de despesa* apresenta-se como sendo fundamental, já que nele se desenvolvem as bases de todo o sistema de pensamento batailleano. Ao subverter o princípio da economia clássica, estabelece o dispêndio ou despesa improdutiva como determinante das relações humanas. Nele explicita-se a incompatibilidade entre a obrigação de produzir de acordo com um sistema lucrativo e a gratuidade natural das pulsões. Percebe-se como o autor busca construir os fundamentos do que veio a desenvolver como sua teorização do heterogêneo, calcada na **noção de despesa** como forma necessária de manter a polarização homogêneo-heterogêneo, sem se restringir a qualquer sistema racional preestabelecido.

Assim, Bataille recupera a dimensão de despesa ligada à excreção como movimentos naturais da vida que guardam relações eróticas com a morte, através do cadáver, pois toda a dificuldade do homem e das culturas se liga a esse movimento de aprender como administrar seus dejetos, seu lixo. Foi ao longo da história das religiões, quando o homem teve que começar a pensar como fazer com os corpos mortos de pessoas amadas que começou a desenvolver pensamentos de administrar a morte e seus restos. A partir de então surgem os tabus e, em seguida, os valores morais religiosos que se apresentam como questões éticas, diante da ambivalência de sentimentos ligada à morte e aos cadáveres, à culpa, ao horror e à atração que eles provocam. Freud trata deste assunto em seu texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915/1980), quando esclarece que o que provocou um questionamento do homem sobre a morte não foi nenhum enigma intelectual, como declaravam os

filósofos, mas os motivos práticos sobre o que fazer com os pertences dos mortos e como lidar com seu cadáver.

Foi ao lado do cadáver de alguém amado por ele que inventou os espíritos, e seu sentimento de culpa pela satisfação, mesclado à sua tristeza transformou esses espíritos recém-nascidos em demônios maus que tinham de ser temidos. As modificações [físicas] acarretadas pela morte lhe sugeriram a divisão do indivíduo em corpo e alma – originalmente várias almas. (*Idem*, 1915/1980, p. 332).

O desenvolvimento do pensamento do homem primitivo ocorre face ao processo de separação e desintegração do corpo, ocasionado pela morte. A origem da negação da morte remonta aos questionamentos ligados ao cadáver como dejetos, pois foi ao lado do corpo sem vida da pessoa amada que ele passou a conceber não apenas a doutrina da alma, mas também a crença na imortalidade da alma. Além disso, surge um poderoso sentimento de culpa que culmina na construção dos primeiros mandamentos éticos, cuja primeira e mais importante proibição feita pela consciência que o sentimento de culpa despertava foi: "Não matarás". (Freud, 1915/1980, p. 334). Sabe-se que a morte obriga o homem a construir razões para viver e que toda cultura é um ultrapassamento da morte.

Logo, é possível constatar que Bataille, ao considerar a origem religiosa e moral da morte concebe, diferentemente da religião, que não se trata de consentir com a negação da morte na cultura, pois que o homem não pode viver sem assumi-la, assimilá-la ou interpretá-la. Mas que, a partir de suas concepções, Bataille liga o erotismo à morte, pois o concebe como a afirmação da vida apesar da morte, já que a morte não é vivida pelo homem simplesmente como um fenômeno puramente biológico. Em suas palavras: "Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte". (Bataille, 2004, p.19) A morte pressupõe a construção e a elaboração de uma moral que se desenvolve de acordo com as crenças de cada cultura. Contudo, a morte, e mais especificamente o cadáver, é a marca material, o dejetos, que dá origem a uma existência ética e moral (religiosa).

Assim, Bataille parece considerar que o homem, ao tentar ver-se livre de seus restos, busca excluir a dimensão abjeta da morte presente na vida. Daí advém a importância que ele atribui tanto aos atos, quanto à matéria excrementícia, que revela paradoxalmente a moral abjeta e hipócrita do homem, diante daquilo que é a essência do ser - e que o remete ao nada - que o determina. Portanto, a erótica batailleana da abjeção revela todo seu valor ao sustentar que o erotismo é a aprovação da vida até na morte.

Despesa como fundamento do gozo

Finalmente, a noção batailleana de despesa, fundamento de sua concepção do erotismo, mostra-se intimamente ligada à concepção psicanalítica da dualidade pulsional freudiana e ao mais além do princípio do prazer; à ambivalência de sentimentos em relação à morte e aos cadáveres; ao sadismo e à agressividade própria ao erotismo anal. Além disso, considera-se que ela se aproxima da formalização lacaniana do que vem a ser o princípio do gozo na psicanálise, próprio ao sintoma. Gozo tomado enquanto conflito inconsciente que divide o falasser diante de seu desejo e reenvia à noção de objeto *a* como resto, em sua dimensão de real como **impossível** ligado à abjeção e à morte. Ao considerar a noção marxista de mais-valia como excedente do qual o capitalista faz uso para obter lucro, Bataille demonstra também que a despesa improdutiva se revela como mais-de-gozar inerente à dimensão do desejo como vontade de gozo e mais além do princípio do prazer.

Bataille parte dos estudos etnológicos para transpor seus conhecimentos à nova época, à nova moral do homem moderno, oposta à moral religiosa, já que parte da constatação nietzschiana da morte de Deus, passando pela psicanálise de Freud, pela filosofia de Hegel e pela economia de Marx para fundamentar seu sistema de pensamento. Demonstra como soube fazer bom uso das ideias de Freud, cuja obra marcou uma ruptura na relação com os ideais de sua época ao chamar a atenção para os "dejetos do mental, que são o sonho, o lapso, o ato falho e, mais além, o sintoma". (Miller, 2011). Miller (2011) revela que a expressão de que dá título a seu texto *A salvação pelos dejetos* foi extraída de uma dura crítica feita pelo poeta Paul Valéry ao Surrealismo e a André Breton, ao qual chamou ironicamente de "literatura moderníssima". A passagem é a seguinte: "máximo de felicidade e máximo de escândalo por meio do máximo de facilidade. Surrealismo – **a salvação pelos dejetos.**" (Valéry, 1974, p. 1208 citado por Barros, 2012, p. 20, grifo nosso). Dessa forma, Valéry critica a poesia surrealista marcada pelo "tom do sonho" (Barros, 2012, p. 20), recusando, portanto, a via régia de Freud, que representava o dejetos por excelência. (Barros, 2012, pp. 21-22).

Contudo, observa-se que, apesar de o Surrealismo ter se constituído como um movimento artístico cultural com aspirações políticas revolucionárias, mundialmente conhecido, foi sem dúvida, Georges Bataille o ator que, ao criticar de forma consistente as incoerências desse movimento - junto com alguns outros colegas dissidentes do movimento surrealista -, soube se posicionar de forma corajosa e desenvolver uma teoria subversiva fazendo dos excrementos um *valor de uso*, bem como construir um sistema de pensamento baseado na ideia de abjeção, como uma política de salvação pelos dejetos.

Enfim, sustenta-se, juntamente com Jean-Claude Milner (1995), que a teoria sobre os dejetos que parte de uma teoria da civilização é própria a Bataille. Além de ser um crítico feroz, Bataille foi também inimigo **íntimo** do Surrealismo, e acompanhou de fora o que ocorreu dentro do movimento, participando dele como **êxtimo**. De maneiras diferentes, Bataille e Breton apropriam-se da psicanálise freudiana e estabelecem a partir dela suas políticas. Porém, ao opor seus dejetos aos ideais surrealistas, Bataille resiste à homogeneização daquele movimento, construindo sob a forma de teoria ou "ciência" **heterológica** uma verdadeira subversão, já que foi ele quem desenvolveu uma política

de administração dos restos. Logo, apesar de não ter sido o único a se salvar pelos dejetos, foi o único que fez dos dejetos uma teoria.

Notas:

1. O presente artigo é uma versão modificada de um dos subitens do "Capítulo 3: Erotismo e Heterologia", da tese de doutorado de Alessandra Thomaz Rocha, intitulada: Erotismo e abjeção: Bataille com Lacan. BH: UFMG, 2018. Inédita.
2. O referido artigo foi agregado posteriormente ao livro *La parte maudite, précédé par "La notion de dépense"*, e publicado pela edição francesa Les Éditions de Minuit. Adotamos as versões brasileiras da Editora Autêntica (2013) e da Imago Editora (1975). Ambas diferem na tradução do termo francês *dépense*: a primeira adota o termo dispêndio; a segunda, o termo despesa.
3. Esta foi uma importante revista francesa do entre guerras, fundada em 1931 por Boris Souvarine, que era próximo de Trotsky, aliado de Lênin. Neste mesmo ano Bataille se torna membro, juntamente com alguns de seus amigos, do círculo Comunista democrático, nome modificado em 1930 do antigo Circulo Comunista Marx-Lênin. Nessa época havia um culto ao marxismo-leninismo, portanto à Lênin como ícone revolucionário comunista russo, que acreditava na revolução proletária como forma de substituir o regime econômico capitalista pelo socialista. Ou seja, Bataille realiza suas críticas no seio de uma comunidade na qual está inserido, de forma a tentar contribuir com o debate e a construção teórica vigente na época.
4. No original: "C'est seulement par une telle insubordination, même misérable, que l'espèce humaine cesse d'être isolée dans la splendeur sans conditions des choses matérielles."
5. No original: "[...] la différence non logique qui représente para rapport à l'économie de l'univers ce que le crime représente para rapport à la loi."

Referências Bibliográficas

- Bataille, G. (2016). *A experiência interior*: seguida de Método de meditação e Postscriptum 1953: Suma ateológica, Vol. 1. Tradução, apresentação e organização Fernando Scheibe. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Filô/Bataille)
- Bataille, G. (1975). *A parte maldita*. Precedida, de "A noção de despesa". Trad. Júlio Castañon Guimarães. Coord. Pedro Paulo de Sena Madureira. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Bataille, G. (2013a). *A parte maldita*. Precedida, de "A noção de dispêndio". Trad. Júlio Castañon Guimarães. Coord. Pedro Paulo de Sena Madureira. 2a ed., rev. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Filô/Bataille)
- Bataille, G. (1967). *La part maudite*. Précédé de "La Notion de Dépense". Paris, FR: Les Éditions de Minuit.
- Bataille, G. (1976a). *Oeuvres complètes*. Vol. I. Paris, FR: Éditions Gallimard.

- Bataille, G. (2013b). *O erotismo*. Trad., rev. e apres. Fernando Sheibe. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Bataille, G. (2004). *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo, SP: Arx.
- Freud, S. (1980). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14, pp. 310-341). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Ary Roitman; Consultor Antonio Quinet. Rio de Janeiro, RJ: JZE, 1992.
- Mauss, M. (1925). Ensaio sobre a dívida. In *Marcel Mauss: sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2003. 183-314.
- Miller, J.-A. (2011). *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Milner, J.-C. (1995). *L'oeuvre claire. Lacan, la science, la philosophie*. Paris, FR: Éditions du Seuil.
- Barros, R. R. (2012). Criação e sublimação. *Latusa*, (17), 15-21.

Citação/Citation: Thomaz Rocha, A. & Santiago, J. (nov. 2020 a abr. 2021). A heterologia em Georges Bataille: da despesa ao gozo. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(31), 05-16. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2021v16n31p05-16

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/03/2020 / 03/10/2020.

Aceito/Accepted: 10/28/2020 / 28/10/2020.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sefhora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.